

O LIVRO DIDÁTICO E AS INFLUÊNCIAS IDEOLÓGICAS NAS IMAGENS: POR UMA POLÍTICA EDUCACIONAL QUE CONTEMPLE A DIVERSIDADE SOCIAL E CULTURAL

Suely dos Santos Souza-(UEFS/Bolsista-FAPESB)

Mission.suely@hotmail.com

Glaucia Maria Costa Trinchão-UEFS

gaulisy@gmail.com

RESUMO

O texto tem como objetivo refletir sobre a ideologia nas imagens do livro didático. Baseado nas análises de Faria (2002), Freitag (1997), Marcondes Filho (1985), Giroux (2000), dentre outros, buscamos entender essa relação que se mostra determinante para os rumos da nossa sociedade. Selecionou-se imagens, no livro História 5º ano, utilizado na rede municipal de ensino de Santo Estevão-BA e utilizou-se da análise de imagens conforme Panofsky (1955), que nos ajuda na compreensão dos significados existentes nas mesmas. Conclui-se que, os livros didáticos são portadores de tais concepções, e que há grande necessidade de políticas que contemplem a diversidade social e cultural na educação.

Palavras-chave: ideologia; livro didático; análise de imagens.

Introdução

Esse trabalho é parte do desenvolvimento de pesquisa acadêmica realizada no curso de Mestrado em Educação, iniciada no curso de Especialização em Desenho com Ênfase em Desenho Registro e Memória Visual, ambos na Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS. O estudo investiga as relações ideológicas na educação, através da análise das imagens contidas no livro didático escolar, instrumento educacional reconhecido como um dos principais veiculadores. Discute também, acerca da necessidade de políticas públicas educacionais voltadas para a distribuição ou indicação de Livros didáticos em escolas publicas e sua relação com a diversidade social e cultural, identificando as ações de permanência, valorização e formação docente, já que a educação é direito de todos e como tal deve alcançar cada indivíduo constituinte da nação.

O presente artigo analisa as influências ideológicas, expressas no contexto dos grupos sociais, estabelecendo relações no contexto educacional e nas produções artísticas, destacando nesse estudo as imagens do livro didático. A discussão sobre este tema consiste na possibilidade de despertar setores e agentes envolvidos com a educação acerca da impregnação de certas ideologias nos itens imagéticos de Livros Didáticos que propagam, e reforçam conceitos e concepções que outrora influenciaram gerações e que se expressam ainda nos dias atuais, justificadoras da opressão e da subordinação de segmentos sociais não detentores de poder monetários.

Buscamos subsídio para a compreensão do conteúdo imagético do livro, aqui no caso, o de *História - 5º ano*, adotado na rede municipal da cidade de Santo Estevão, na Bahia, utilizado no 5º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2011, identificando concepções ideológicas de cunho social presentes em algumas imagens. A ênfase está nos textos imagéticos por que, como forma de representação e interpretação do mundo, exteriorizam concepções, ideias e valores culturais.

Acreditamos que a imagem é elemento visual importante para as práticas pedagógicas e contribui para o trabalho com o imaginário, a memória e a identificação de elementos culturais. Entendemos também que elas portam conteúdos, códigos, signos e significados, e ao mesmo tempo, constroem estereótipos, e preconceitos de determinadas visões de mundo. Os indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem podem desenvolver formas didáticas de ver, sentir e perceber as múltiplas implicações do conhecimento em Desenho, compreendendo-o como linguagem que se traduz enquanto imagem e que tem importante significado para a Educação e para a construção social dos indivíduos.

Dessa forma, por meio de uma pesquisa bibliográfica, baseada nas análises de Faria (2002), Freitag (1997), Silva (2004), Bittencourt (2006), Marcondes Filho (1985), Giroux (2000), dentre outros, buscamos entender tal relação que se mostra determinante para os rumos da sociedade e de educação brasileira.

O texto chama a atenção de docentes para a necessidade de trabalhar as imagens criticamente em suas práticas pedagógicas, a partir da análise das representações visuais que compõem o livro didático na busca de desvendar as mensagens que estão por detrás da sensibilização estética, pois, as imagens carregam em si grande potencial para exteriorizar concepções, preconceituosas, discriminatórias e estereotipadas que precisam ser percebidas e desconstruídas.

1- O livro didático e as mensagens no texto imagético

O livro didático é um dos vários instrumentos educacionais portadores de conteúdo imagético utilizados na ação pedagógica. Caracteriza-se como meio de veiculação de informações e conhecimentos necessários à aprendizagem, está presente em todas as séries da educação básica e tem a representação de todas ou quase todas as disciplinas. Na educação pública brasileira, ele é distribuído gratuitamente como base para os conteúdos formais e sua composição tem sido pauta para muitos debates e discussões, em que críticos e analistas dialogam acerca da estrutura e organização de seus conteúdos.

Tal ação regulamentada por lei, é:

[...] controlada pelo estado, que se constitui como sensor do mesmo através de legislação criada em 1938 pelo Decreto-lei 1.006, consolidado em 1945 pelo decreto nº 8. 460. A partir de então os livros só podem ser adotados em todo o território nacional com autorização prévia do Ministério de Educação. (SILVA, 2004, p. 52)

Também pelo Decreto nº 91.542 de 19 de agosto de 1985 que institui o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, e determina que:

Art. 1º - Fica instituído o Programa Nacional do Livro Didático, com a finalidade de distribuir livros escolares aos estudantes matriculados nas escolas públicos de 1º Grau.

Art. 4º - A execução do Programa Nacional do Livro Didático competirá ao Ministério da Educação, através da Fundação de Assistência ao Estudante – FAE, que deverá atuar em articulação com as Secretarias de Educação dos Estados, Distrito Federal e Territórios, e com órgãos municipais de ensino, além de associações comunitárias. (D.O, 1985. p. 12178 Seção I)

O livro didático, então, é um instrumento pedagógico instituído por Lei para ser utilizado nas escolas da Educação Básica, que compreende o Ensino Fundamental e Médio no país. Segundo Freitag, em uma das importantes definições para as funções do livro didático consiste em:

a) padronizar e delimitar a matéria; b) apresentar aos docentes métodos e processos julgados como eficientes pelos seus autores para melhorar os resultados do ensino e c) colocar ao alcance de todos, especialmente alunos, estampas, desenhos, mapas e textos de difícil acesso ou muito raros". (FREITAG, 1997, p. 174)

Segundo essa definição, apesar de ser primariamente um instrumento para veicular conhecimentos, fica claro que os livros didáticos representam um instrumento a serviço de concepções idealizadas de sociedade, trazendo em seu interior valores, crenças e posições de um determinado segmento social, por meio daqueles que participam ativamente da definição dos conteúdos desse livro, conseqüentemente, tornando-se um veículo transmissor, com a função de perpetuar as ideologias e desse modo explicar os atos de indivíduos, justificando a realidade e as relações sociais existentes.

Sobre isso, Faria diz que:

O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre. O que ocorre é que a ideologia dominante considera a produção intelectual autônoma e desconhece a base material como instância determinante. Então expressa através de valores universais os interesses da burguesia e justifica a conservação das relações existentes; [...] através desse mecanismo, o livro didático serve à manutenção dos interesses da classe dominante [...] e contribui para justificar e manter a realidade, reproduzindo-a. (FARIA, 2002, p 77)

Dado o exposto, os livros didáticos são exemplos de instrumentos que servem à essa dominação ideologia histórica que em sua trajetória possui a função maior de coersão social “[...] fazendo com que o legal apareça para os homens como legítimo, justo e bom e a dominação de uma classe pela outra através de leis ou representações dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas”. (CHAUI, 1995, p. 91). Esses discursos preconizados pelos que dominam, possuem a intenção de mascarar a realidade e ocultar a verdade dos fatos, legitimando a situação existente com a argumentação de que toda situação social faz parte de um fenômeno natural.

Saviani (2006), ao falar sobre as teorias da escola, mostra que essas relações podem caracterizar-se como violência simbólica, sendo uma imposição arbitrária da cultura dos dominantes aos grupos dominados, e identifica a escola também como um aparelho ideológico do estado (ALTHUSSER, 1985), na medida em que caracteriza-se como um mecanismo para perpetuar os interesses nas relações de produção capitalista, perpetuando as contradições entre realidade e conteúdo transmitido, já que não considera o contexto daquela realidade.

Segundo a definição trazida por Freitag, o último item das funções do livro didático diz que ele deve colocar ao alcance de todos e especialmente dos alunos, estampas, desenhos, mapas, entre outros. É basicamente nesse item que queremos nos ater nesse trabalho. Essa mesma autora diz que: “são poucos os críticos do livro didático que se dão conta de que a ideologia está implícita também, e talvez mais radicalmente, na forma de apresentação do livro (seu aspecto físico, suas gravuras, o método de apresentação escolhido)”. (FREITAG, 1997, p.85)

Para além dos textos escritos, toda a composição do livro didático carrega em si a potencialidade para a transmissão de ideologias, principalmente as imagens nele contidas. Nesse aspecto, as imagens que servem de ilustração são escolhidas com objetivos definidos para ilustrar e reafirmar o texto escrito, mas também como portadoras de valores e concepções que, como afirmam os autores citados, compõem a ideologia da classe dominante, que se

encontra no topo da pirâmide social, detentora das riquezas e, conseqüentemente, do poder social.

Sobre isso, Bittencourt, diz que:

[...] o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa. [...] é limitado e condicionado por razões econômicas, ideológicas e técnicas. [...] assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e do estado. (BITTENCOURT, 2006, p. 72,73)

Não podemos negar que a tendência desse livro é a padronização e o condicionamento e a maneira como é arranjado é pensada de tal forma que as imagens passam a ser um poderoso apoio aos conceitos que se quer transmitir, apelando às emoções, aos sentimentos e à sensibilidade. As mensagens são harmonizadas impulsionando os pensamentos a uma determinada direção, servindo como apoio ou complemento não só ao texto escrito, como também ao texto subjetivo.

Segundo Leite (1998), no que se refere aos significados das imagens do livro didático e à força que as mesmas possuem para fortalecer os conteúdos objetivos e subjetivos e o processo de apropriação destes, a autora ressalta:

[...] mecanismos perceptivos e cognitivos ampliam a compreensão das relações entre a imagem e as diferentes formas de memória, que, pelo re-conhecimento e pela memorização, constroem a ponte para o texto verbal. Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores. (LEITE, 1998, p. 44)

Nesse aspecto, não podemos conceber uma ingenuidade nas imagens, sejam elas de que natureza for, e nas intenções com que são escolhidas, mas precisamos estar atentos aos significados que estas acolhem, bem como às interpretações que elas fomentam, principalmente, se o receptor em contato com elas ainda não possui um pensamento crítico e analítico para entender os significados por detrás das intenções.

Dessa forma, as muitas significações que podem ser apreendidas através de imagens ilustrativas de seus textos verbais, possuem competência para a transmissão de conteúdos sociais, culturais e ideológicos, cujos preceitos serão apreendidos, cristalizando determinadas percepções de mundo e dando corpo aos conceitos na mente dos sujeitos alvos.

Ao falar sobre essa composição da imagem, Arnheim, diz que:

[...] a forma visual de uma obra de arte não é nem arbitrária e nem um mero jogo de formas e cores. [...] do mesmo modo o assunto não é nem arbitrário e nem sem importância. Ele está exatamente correlacionado com o padrão formal para prover

uma corporificação concreta de um tema abstrato. [...] eles servem para dar corpo a um universo invisível. (ARNHEIM, 2002, p. 452)

Na composição de uma imagem, então, busca-se corporificar uma visão, uma maneira de conceber o social. Tendo em vista que nos processos civilizatórios muitas visões de mundo foram suprimida, e que ainda constatamos essa realidade na educação de hoje através de suas várias interfaces e principalmente do livro didático, propagando uma visão de mundo de acordo com o estabelecido por um determinado segmento da sociedade, não podemos ignorar a necessidade do estudo e interpretação das imagens ilustrativas nos livros didáticos.

Torna-se, então, imprescindível a decodificação das mensagens nelas contidas se quisermos buscar uma educação contextualizada, de qualidade e que sirva aos interesses de todos e alcance a todos os segmentos sociais.

2- A ideologia nas imagens

Por ser a imagem um componente da cultura, nesse caso, a cultura visual, a mesma é determinada pelos agentes sociais e está impregnada dos valores e princípios ideológicos que lhes são concernentes. Enquanto componente cultural, a imagem se expressa como uma forma de linguagem.

Nesse aspecto, depois da linguagem oral e escrita, uma das melhores formas de comunicação, é o registro de imagens, que tem em si um potencial inquestionável para a transmissão de mensagens, devido à capacidade criativa do ser humano em reproduzir projeções mentais daquilo que pensa ou sente. Por sua vez, esse potencial também vai além da transmissão, se estendendo à recepção dessas mensagens, trazendo uma compreensão específica e oferecendo, segundo Casasús (1979, p. 71), “[...] a qualquer homem a possibilidade de escapar às dimensões contingentes de espaço e tempo em que vive”.

Esse potencial para comunicação se acentua quando ainda em uma mesma obra une-se a linguagem escrita e as imagens. Tomamos o livro didático como um exemplo desse pressuposto, pois esse instrumento, ao trazer os diversos conteúdos, se encontra repleto de imagens que possibilita ao sujeito idealizar o tempo a que se refere e as condições sociais, econômicas e culturais de tais épocas, fazendo-o se reportar àqueles ambientes por meio de seu potencial imaginativo.

Podemos entender, então, a imagem como sendo a representação visual de algo que queremos transmitir, real ou imaginário, um objeto ou uma ideia, ao qual delegamos uma forma carregada de idealismo e que transmite uma projeção mental daquilo que imaginamos,

de acordo com a vivência sociocultural de cada um de nós. Nesse sentido “uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz”. (BORGES, 2008, p. 80).

Assim, a imagem revela a expressão de concepções, conceitos e valores que o homem possui em sua mente de acordo com sua história e constituição social. Marcondes Filho (1985, pg. 64), abordando a fotografia e a pintura, afirma que:

A Arte é alguma coisa a mais; ela inclui necessariamente uma mensagem que vai além da pura manifestação de técnicas e, ao incluir a mensagem, ela reproduz necessariamente o mundo e a visão de mundo daquele que está pintando. Assim, quando se faz a Arte de fato, expressa-se ideologia, pois à medida que eu coloco alguns temas em meus quadros, estou lhes dando um destaque, uma projeção, eu os estou valorizando, estou tomando um tipo de partido, de uma forma ou de outra.

Na mesma reflexão, esse autor diz que:

[...] não há Arte sem ideologia; afirmar o contrário seria o mesmo que dizer que há Arte sem participação do autor. Participação do autor significa exprimir, com linguagem artística, sua relação com o mundo, seus conflitos e sentimentos. (Op. Cit., p. 72)

Nesse sentido, a imagem, como arte, não é neutra, ela expressa os valores e princípios que o autor carrega como base conceitual. Possui em si significados e propriedades comunicativas que vão além do texto escrito e nessa relação, como texto não escrito, é de grande eficácia, pois, por sua produção de sentidos que nos afeta a partir da percepção visual, insere-se na mais profunda capacidade de visualização de nosso cérebro, produz efeitos diversificados em nossa memória e em nossas concepções.

Assim, um mundo de significações pode ser apreendido através de tais imagens, por meio de reflexão e associações, mostrando extrema competência para a transmissão de conteúdos culturais e ideológicos, aspectos estes que serão interiorizados, produzindo e reproduzindo as ideias que se buscam ser concebidas, pois “há emoção, há manifestação e apelo aos sentimentos; [...] mexem diretamente com o receptor e põem em questionamento a posição deste em relação ao tema”. (MARCONDES FILHO, 1985, p. 68)

Ao falar sobre ideologia na arte, Santaella diz que:

[...] os processos ideológicos em sociedades historicamente determinadas são intensamente mais complexos do que o simples reflexos das ideias dominantes, visto que colocam em defrontamento visões de mundo divergentes e contraditórias. Por terem em mãos o poder econômico, as classes opressoras dele fazem uso para ensurdecer, ocultar ou neutralizar as divergências e contradições. Não sem razão os mecanismos de acesso à arte, em sociedades de classes, são rigidamente controlados, pois toda grande arte assim o é porque se objetiva como que num ponto de confluência histórica de várias ideologias ou de fragmentos de ideologias oriundas de classes diversas. (SANTAELLA, 1985, p. 20)

Esta é uma importante particularidade da arte, seja ela de qual natureza for - pintura, escultura, fotografia, dentre outras, pode ser estreitada por mecanismos designados a manipulação por meio de concepções ideológicas. E no que se refere à imagem, esta pode ser utilizada sozinha ou em auxílio a um texto verbal, a exemplo do livro didático, para afirmá-lo e complementá-lo, de acordo com o que se quer trabalhar, a depender dos padrões sócio-culturais e ideológicos daquele que produz ou idealiza determinada imagem.

A esse respeito, vários estudiosos falam sobre os significados intrínsecos das imagens e sua potencialidade em portar conteúdos determinados por valores e princípios sociais ideológicos. Arnheim (2002) ao falar sobre o simbolismo na arte preconiza que em uma produção artística o assunto e seu arranjo são planejados e pensados para corporificar uma ideia.

Confirmando esse pressuposto, Leite (1998, p. 44) diz ainda que “ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores”.

Sardelich (2006, p. 206) ao falar sobre leitura de imagem diz que ela “passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos e sua leitura demanda conhecimentos e compreensão desses códigos”. Ao falar sobre cultura visual se refere a “um lugar onde se criam e se discutem significados” (Op. cit., p. 212). Ainda, Erenildo João Carlos (2010, p. 13) diz que “a imagem precisa ser lida porque ela tem sempre algo a dizer”.

Sobre essas reflexões, podemos afirmar, então, no contexto específico desse estudo, que o livro didático, enquanto instrumento pedagógico e ideológico possui imagens que estão longe de serem artifícios neutros, pois as mesmas acolhem significados diversos, que permitem interpretações também diversas, na medida em que o receptor passa a decodificá-los de acordo com sua capacidade cognitiva consciente ou inconscientemente. Daí decorre a importância de se analisar cuidadosamente as imagens utilizadas nos contextos educacionais.

3- Analisando concepções ideológicas em imagens do livro didático

Destacamos dois exemplos de imagens que, relacionadas, permitem interpretações e concepções diversas acerca da figura do povo negro brasileiro. Segundo o método iconográfico de Panofsky (1955), três níveis básicos são postulados em seu tema ou significado:

I- Tema primário ou natural, subdividido em factual e expressional. É apreendido pelas formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor [...] representativos de objetos naturais [...] pode ser chamado de mundo dos motivos artísticos; II- Tema secundário ou convencional: [...] ligamos os motivos artísticos e as combinações de

motivos artísticos com assuntos e conceitos; *III- Significado intrínseco ou conteúdo:* é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica - qualificados por uma personalidade e condensados numa obra. (PANOFSKY, 1955, p. 50, 53)

Nesse aspecto, procuramos aqui, através da análise iconográfica e iconológica, examinar os elementos sociais, no livro História – 5º ano, identificando concepções ideológicas, e a quem elas servem. O livro citado é um manual de história do Brasil. É um exemplar de manual do professor e produzido para ser utilizado nas escolas públicas. Foi desenvolvido e produzido pela editora Moderna.

As imagens selecionadas expressam cenas do período do Império. Retratam o momento da história em que acontecia a escravidão dos negros africanos pelos brancos europeus, período este marcado pelo tráfico negreiro em que pessoas da raça negra foram tratadas como animais e obrigadas a se submeter aos desmandos dos colonizadores cujo interesse era unicamente o enriquecimento. Os negros foram espalhados pelo território brasileiro e contribuíram para aumentar a riqueza de seus senhores. Essa época foi também de grande resistência e sofrimento.

Ao falar sobre a escravidão no Brasil, Pinski (2001, p. 23), diz que “o negro foi, portanto, trazido para exercer o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura”. Tornou-se então, essencial para o desenvolvimento econômico da época, mas era também a maior vítima da injustiça social, passando a ser alvo de preconceitos, e discriminação, por causa de sua cor e raça.

O conteúdo eurocêntrico estereotipado se mostra determinante no que se refere a esse assunto. Enquanto o personagem negro é visto como figura destituída de beleza, inteligência e cuja cultura não merecia respeito e consideração, através de imagens negativas e inferiorizadas, o branco e sua cultura sempre ganharam predominância nas representações contidas nesse material, sempre apresentados em posições de destaque, nas melhores profissões e ilustrados como exemplos de beleza e domínio, exteriorizando a concepção de superioridade da raça branca sobre a negra, reflexo da construção social histórica.

Concepções advindas, segundo Hofbauer (2003), dos primórdios das línguas indo-europeias, em que o branco representava o bem, o que era bonito, a inocência, o divino, enquanto o negro era sempre associado ao que era errado, ao mal, ao diabólico. Dessa forma, “a fusão entre escravidão, cor negra e imoralidade de um lado, e a fusão entre cor branca,

ideal moral religioso e status de liberdade de outro lado, fez parte de um discurso de dominação que foi “inventado” pelas classes dominantes (um discurso que justificava a exploração)”. (HOFBAUER, 2003, p. 62).

Tais concepções permaneceram no tempo e ainda hoje se fazem presentes em instrumentos que buscam expressar a legitimação da dominação. Nesse aspecto, os livros didáticos,

[...] veiculam a relação opressor-oprimido, o branco é o representante da espécie com atributos tidos como universais [...] evidenciou-se pelo desempenho das atividades profissionais mais diversificadas. O negro foi associado a personagens maus, à sujeira, à tragédia, à maldade. O branco representou os santos, os ricos e os heróis. (SILVA, 2004, p. 29)

É constatado, então, que o preconceito e a discriminação que a sociedade possuía e ainda possui, de forma mascarada, por esse povo também se expressa no livro didático e, os mesmos refletem as concepções antagônicas entre o branco e o negro.

As imagens selecionadas são utilizadas no livro História – 5º ano para abordar o assunto das festas populares no tempo do Império. Temos então, uma imagem ilustrando a festa do povo negro e outra ilustrando uma festa católica, a festa do divino.

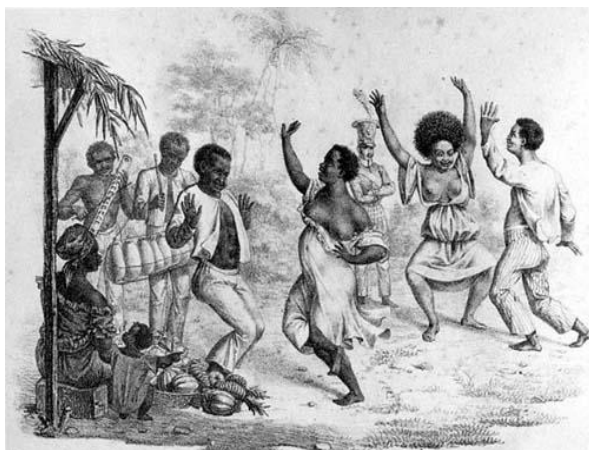


Imagem 01- Batuque em São Paulo. Fonte: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am540_2003/edu/produto/escravidao/resistencia2.htm

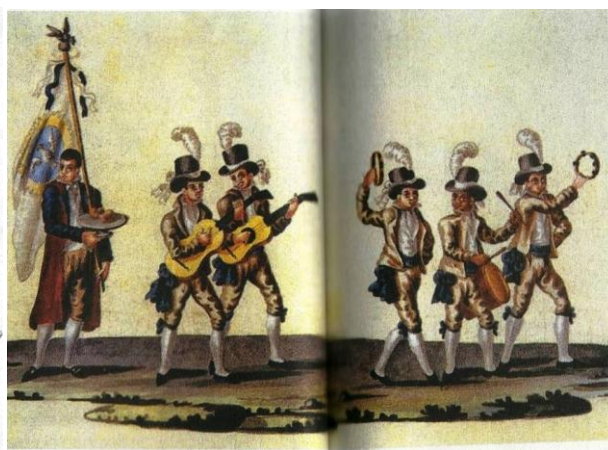


Imagem 02 - Festa do Divino. Fonte: Livro de História. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2007, p. 56.

Comparando as festas populares na época do Império, o texto verbal se refere às mesmas explicando a Festa do Divino como uma manifestação católica e explica sua dinâmica religiosa, já quando fala da festa dos negros refere-se a ela como “outra festa que reunia pessoas era **“o batuque dos pretos”** (História, 2007, p. 56). Em sua referência o autor

destaca em negrito a frase que tem cunho discriminatório sobre a raça negra, dizendo que no dia de Santa Ana os escravos e homens livres cantavam e dançavam.

As frutas tropicais revelam a noção de terra tropical que os europeus difundiam das terras brasileiras. As pessoas são ilustradas descalças, o que era “um dos símbolos de subalternização que marcam a escravidão na iconografia do séc. XIX” (JOVINO, 2007, apud. OLIVEIRA; AGUIAR; SILVA, et. al. 2007, p. 30).

As mulheres estão vestidas vulgar e desleixadamente, com roupas que deixam à mostra seus seios enquanto dançam. Vemos ao fundo que um homem branco, um guarda, observa a cena com os braços cruzados e uma postura de desprezo. Como figura de autoridade, o mesmo está ali para garantir e certificar que a ordem não será perturbada, o que não acontece na festa católica. As expressões aparecem grotescas e de maneira deformada, com aparência animalesca.

O negro modelado de maneira caricatural, com expressões doentias e animalizadas é um dos traços da construção ideológica que pretendia mitificar as diferenças, adjetivando-as, e, dessa maneira, legitimando e justificando a dominação branca sobre os mesmos. E dessa forma,

Ridiculariza-se seu registro verbal, pois é considerado incapaz de [...] expressar-se adequadamente; menosprezam-se sua visão de mundo, seus costumes, crenças e religiosidade; banalizam-se sua herança cultural e carnalizam-se, grosseiramente seu corpo e expressão facial, que se tornam sinônimos de um absurdo desvio estético. Tido como inferior, de acordo com as teorias raciais divulgadas na época, quando necessário, ressalta-se sua força brutal, semianimesca, e seu estado primitivo. (MARTINS, 1995, p. 42)

A exposição dessas cenas e o silêncio em relação a posteriores esclarecimentos deixa explícita a concepção estereotipada acerca da cultura negra, confirmando que “[...] a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação da colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano”. (NASCIMENTO, 2002, p. 143).

A maneira como essa cena é ilustrada também deixa claro que,

A discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes freqüentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados pela burguesia comerciante e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas. (FERRETTI, 2007, p. 03)

Fica claro que não há intenção alguma nesse livro de desconstruir preconceitos e estereótipos em relação ao povo negro e sua cultura, o mesmo contribui para a continuação da visão simplificada da cultura negra, dando continuidade à visão negativa do negro e da sua cultura, como um grupo racial étnico de menor ou nenhuma importância para a nação brasileira, contrapondo-se até à LDB e à Lei 10.639/2003 sobre o ensino e valorização da cultura negra.

Nesse aspecto o ambiente escolar e os instrumentos pedagógicos precisam se adequar às novas realidades, valorizando a diversidade social e cultural existente em nosso país, constituídas desde os primeiros anos de sua ocupação e acentuada pelo fator escravidão que passou a determinar a composição de uma nação e de um povo constituído a partir da miscigenação.

Entende-se que as imagens selecionadas retratam uma época e são usadas para ilustrar a realidade do referido período, no entanto, o que se constata aqui é a descontextualização da mesma, não fazendo referência acerca das discussões que se fazem hoje e a visão moderna de tais personagens.

O livro analisado certamente teria a possibilidade de trabalhar melhor, mais contextualizada e democraticamente esse conteúdo, preocupando-se em analisar e refletir sobre a presença desse personagem, bem como sua cultura no país, buscando desconstruir as concepções estereotipadas e preconceituosas que foram estabelecidas no ideário da sociedade brasileira acerca do povo negro.

4- A importância de ações políticas que contemplem a diversidade na educação

Em vista dos argumentos apresentados, surge a necessidade, segundo reflete Giroux (2000) de uma pedagogia que atue no campo político, que conceba a cultura como um terreno de luta, uma pedagogia que se preocupe não somente com a produção de conhecimento, mas dos valores e princípios que possibilitem aos sujeitos a construção de uma cidadania crítica, que direcione os indivíduos ao reconhecimento e aprofundamento do significado do político.

Na busca, então, pela justiça social e cidadania crítica, a educação precisa se empenhar em:

[...] um modo de alfabetização crítica que deve permanecer aberta, parcial e desconstrutiva, para poder questionar a autoridade, desfazer as relações de

dominação e prover opções para que as pessoas possam entender as condições que dão forma a suas vidas e nelas intervir (GIROUX, 2000, p. 71)

No entanto, para que isso se concretize, é necessário que haja um empenho e compromisso de todos os profissionais da área educacional, que tenham como objetivo problematizar as condições sociais e os interesses políticos ideológicos, analisando todos os aspectos educacionais, desde o currículo, até os instrumentos metodológicos e pedagógicos utilizados na ação educativa, na intenção de provocar um enfrentamento às relações de poder, na medida em que buscam formar sujeitos capazes de se posicionar frente às injustiças e desigualdades produzidas por todas as determinações ideológicas que não correspondem aos seus posicionamentos como indivíduos e grupo social.

Há também a necessidade de políticas educacionais que envolvam ações de permanência, valorização e formação docente, que contemplem a diversidade social e cultural não somente em relação ao negro, mas a todos os indivíduos que convivem com a diferença, tendo em vista que a educação como direito de todos deve alcançar cada indivíduo constituinte da nação.

Políticas que resultem em desafios para todos os profissionais envolvidos na educação, que levem a repensar o papel da educação no efetivo reconhecimento e valorização da diversidade, que envolvam os currículos, as ações de formação e as práticas pedagógicas. Que sejam opostas à homogeneidade e a padronização do ensino, que envolvam uma concepção de educação em que está implícita,

[...] uma afirmação da natureza pública da educação como forma de política cultural como luta pelo significado e pela identidade, uma luta que é necessária para a formação da memória pública, das ideologias de resistência e da democracia multicultural como forma de política cultural [...] que não separa os assuntos culturais das relações sistemáticas do poder, tampouco passa por cima dos riscos que pode haver quando professores, professoras e estudantes desafiam as crenças, as ideias e os valores existentes [...]. (GIROUX, 2000, p. 72)

Que envolvam, não somente as ações e os sujeitos, mas também os materiais pedagógicos. E, ao que se refere ao livro didático, que contemplem a composição, distribuição, indicação e seleção dos mesmos e todas as questões relacionadas à ele, e aqui damos ênfase às imagens que os compõem e dinamizam. Consideramos de extrema importância que as editoras e os profissionais envolvidos na sua construção, levem em consideração não somente os conteúdos verbais, mas também os conteúdos imagéticos, em sua escolha e contextualização dentro do espaço e do tempo, que se utilizem as imagens disponíveis dos artistas das épocas a fins, mas que as mesmas sejam contextualizadas e trabalhadas analiticamente dentro desses livros.

E que os educadores, comprometidos com uma pedagogia crítica e uma educação democrática se empenhem na análise e reflexão acerca dos mesmos, perpassando pelas escolhas dos livros que serão trabalhados, mas principalmente pelo compromisso de utilizar esse instrumento contextualizada e criticamente, trabalhando os conteúdos verbais e imagéticos de maneira que estes se tornem realmente adequados à desconstrução ideológica histórica nociva aos desfavorecidos e à construção de conhecimentos, valores e princípios que os ajudem a posicionar-se não somente enquanto indivíduos, mas também como cidadãos.

Considerações finais

Diante do exposto, considerando a presença ideológica na educação, nas artes e principalmente nas imagens utilizadas como recurso pedagógico no livro didático, torna-se relevante e imprescindível a decodificação de mensagens, se quisermos buscar uma educação contextualizada, de qualidade e que sirva a todos independente de seu poder econômico e classe social.

Uma nova postura e uma nova maneira de olhar o conteúdo imagético dos livros didáticos, precisa ser adotada pela sociedade e pela comunidade de educadores, principalmente das escolas públicas, levando em consideração sua importância para a educação.

Ressaltamos a importância do diálogo e da troca entre as áreas de conhecimento em uma troca que traga o enriquecimento das partes. Afirmamos aqui o valor e potencial da imagem para um ensino que busque a excelência, sua contribuição é imensa no que se refere a trabalhar o imaginário, a memória, a identificação de elementos, dentre outros aspectos. A imagem enquanto instrumento pedagógico possui valor inestimável, algumas vezes até dispensando o texto verbal, pois esta individualmente consegue transmitir conhecimentos e mensagens diversas e satisfatórias.

No entanto, quando nos referimos à composição de um instrumento direcionado às massas da população fica evidente que não é do interesse dos poderes sociais, políticos e econômicos que seja trabalhada a consciência crítica e a mente reflexiva, pois dessa forma a ideologia, que por séculos determina as relações sociais e produtivas, pode ser desmascarada, rejeitada e resistida.

Nesse aspecto, é importante que busquemos decodificar as mensagens ideológicas contidas nas imagens, mensagens estas que podem ter significados diversos, tanto para apresentar ideias, valores e concepções libertadoras e emancipatórias, como o contrário

também pode ser verdadeiro, e nessa relação, mensagens danosas à consciência crítica cidadã podem ser transmitidas sutil e discretamente.

Ressaltamos, por fim, a necessidade de ações políticas que desconstruam valores ideológicos nocivos às minorias desfavorecidas e fomentem uma pedagogia crítica e libertadora.

Essa análise se mostra necessária para uma educação contextualizada, baseada numa pedagógica crítica que busca um ensino reflexivo, de sentidos, de forma que a influência sobre a constituição social das crianças não aconteça de maneira parcial, marcada pelas concepções de uma parte da sociedade que não representa o contexto em que as mesmas estão inseridas e, para tanto, o desenvolvimento de uma consciência analítica se faz extremamente necessário.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 2ª ed. Rio Janeiro: Edições Graal, 1985;

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Trad. Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2002;

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008;

BRAGA, Maria Lúcia Santaella. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez Editora, 1980;

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acessado em: 07 de março de 2012;

BRASIL. Diário Oficial . **Decreto nº 91.542 DE 19 de Agosto de 1985**. p. 12178 Seção I. Disponível em: http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/01/index.php?option=com_content&view=article&id=39:decreto-no-91542-de-190885&catid=20:legislacao&Itemid=31. Acessado em: 07 de Março de 2012;

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 39ª Ed. São Paulo: 1995;

CARLOS, Erenildo João (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Edirora Universitária da UFBP, 2010;

- CASASÚS, José M. **Teoria da imagem**. Rio de Janeiro: Salvat editora do Brasil S.A., 1979;
- FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia no livro didático**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2002;
- FREITAG, Bárbara. COSTA, Wanderley F. da; MOTTA, Valéria. **O livro didático em questão**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997;
- GIROUX, Henry. **Pedagogia crítica como projeto de profecia exemplar: cultura e política no novo milênio**. In. IMBERNÓN, F. A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000;
- HOFBAUER, Andreas. **Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”**. In. BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (et. al). De preto a afro-descendentes: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EdUFSCar, 2003;
- LEITE, Míriam L.M. **Texto visual e texto verbal**. In. FELDMAN- BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L.M. (orgs) Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998;
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia**. São Paulo: Global Editora: 1985;
- MARTINS, Leda Martins. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995;
- NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. 2ª. Ed. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002;
- PINSK, Jaime. **Escravidão no Brasil**. 18ª ed. São Paulo: Contexto, 2001;
- SANTAELLA, Lúcia. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 1995;
- SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa**. Educar. Curitiba: Editora UFPR, 2006. n° 27;
- SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 38ª ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006;
- SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2004.